



## A NOVA COMPETIÇÃO NA EDUCAÇÃO SUPERIOR

Roberto Leal Lobo e Silva Filho

A imprensa vem, há algum tempo, noticiando crises financeiras em várias Instituições de Ensino Superior (IES) no Brasil. O aumento da concorrência, com a abertura de novas instituições e cursos, e a oferta crescente de vagas, sem o aumento paralelo da demanda, está fazendo com que as IES passem por dificuldades crescentes e o ensino superior deixou de ser um mercado atraente, principalmente nas grandes cidades.

Os setores da sociedade com capacidade de pagamento de mensalidades médias de R\$ 500,00 por mês (embora menor do que as dos bons colégios em São Paulo) estão saturados - e os programas brasileiros de financiamento ao estudante ainda são muito modestos. Não é que falte quem queira estudar, mas falta quem possa pagar por isso.

Quando o número de alunos caiu, as IES privadas mantiveram a mesma forma de organização e para atender rapidamente às exigências do MEC não cuidaram de sua gestão e implantaram, sem planejamento, programas de pesquisa e extensão que são incapazes de captar recursos com seus projetos, baseadas em carreiras docentes copiadas das públicas, onerando ainda mais o estudante de graduação.

É claro que algumas dessas instituições localizadas em grandes centros, que consigam atrair alunos com boa capacidade de pagamento, poderiam atender ao modelo de universidade defendido no Brasil, mas isso exige altas mensalidades e só há espaço para muito poucas.

Tudo isso faz com que muitos não percebam que já existe uma nova competição entre as IES privadas. Segundo o professor Clayton Christensen, da Universidade de Harvard, as instituições de um determinado setor tendem a se preocupar com as demandas dos clientes maiores e mais sofisticados, abrindo espaços para novos empreendimentos que introduzem processos, ou tecnologias, chamados disruptivos, que atendem a novas demandas não cobertas pelas instituições tradicionais.



Na Educação Superior isso quer dizer que enquanto as instituições estão tendo que sofisticar o nível de atendimento (e de custos), exigindo que o aluno tenha mais poder aquisitivo, outras aparecem oferecendo menos, com mais foco e vão atendendo a uma parcela que não queria, ou podia, pagar pelo pacote completo e caro.

Às vezes a desrupção nasce com menos qualidade, mas vai crescendo no vácuo das instituições tradicionais e se capitalizando para melhorar. Adequação ao capitalismo selvagem? Lucro pelo lucro na educação? Não necessariamente. Quase todos os países do mundo permitem a diversificação dos objetivos e das missões das instituições e se verifica a introdução das políticas de mercado no ensino superior, porque os governos não têm condições de manter sozinho este setor e, para atender à demanda crescente por formação universitária, abriram o mercado para o setor privado, inicialmente para instituições sem fins lucrativos e agora com fins lucrativos, também, e permitiram que o regime competitivo se instalasse.

Este fenômeno também ocorreu em outros países, em outras épocas. Nos EUA, por exemplo, cerca de 360 de IES de diferentes tipos fecharam entre 1960 e 1990. As razões foram semelhantes às nossas.

A solução para a crise atual não implica, portanto, que o mercado deva ser fechado para dar sobrevida a instituições incapazes de se sustentar, pois é preciso que se viabilize outras formas honestas de ofertar formação superior decente e participar no mercado, que podem não atender ao modelo de universidade dos doutores pesquisadores, mas atende a outras demandas: por cursos superiores de alta qualidade em áreas profissionais específicas, ou cuja oferta seja complementar ao que o setor público pode oferecer; áreas inovadoras ou corporativas que exijam arrojo comercial (ou que não atraiam o setor público), cursos e atividades onde o ensino a distância pode ser eficiente e atingir grandes contingentes de estudantes ou, ainda, cursos de baixos investimentos e mensalidades, mas que cumpram seu objetivo de formar o profissional para um mercado de trabalho menos sofisticado.

Qualidade de ensino não existe somente nas universidades de pesquisa. Instituições voltadas ao ensino podem formar bons profissionais - mas é preciso assumir essa vocação com suas consequências e gerir as IES com eficiência.



Não podemos esquecer que a política de mercado, para a educação, não pode ser soberana. É preciso que o governo tenha uma interferência importante, preservando a diversidade com qualidade, porque erros nesta área repercutem no longo prazo para o aluno e para o País.

---

Inserido no site em junho de 2006